

volume

24/1

Agosto/2018

ISSN 1516-2095
ICH - UFPel

História em revista

revista do núcleo de documentação histórica





Obra publicada pela

Universidade Federal de Pelotas

Reitor: Pedro Rodrigues Curi Hallal
Vice-Reitor: Luis Isaías Centeno do Amaral

Chefe de Gabinete: Aline Elias Lamas

Pró-Reitor de Graduação: Maria de Fátima Cossio

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Flávio Fernando Demarco

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Francisca Ferreira Michelin

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Otávio Martins Peres

Pró-Reitor Administrativo: Ricardo Hartlebem Peter

Pró-Reitor de Infra-estrutura: Julio Carlos Balzano de Mattos

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis: Mário Renato de Azevedo Jr.

Pró-Reitor de Gestão Pessoas: Sérgio Batista Christino

CONSELHO EDITORIAL

Representante das Ciências Agrônomicas: Guilherme Albuquerque de Oliveira Cavalcanti (Titular), Cesar Valmor Rombaldi (suplente) e Fabrício de Vargas Arigony Braga (suplente) | Representantes da Área das Ciências Exatas e da Terra: Adelar José Strieder (titular) e Juliana Pertille da Silva (suplente) | Representante da Área das Ciências Biológicas: Raquel Ludke (suplente) | Representante da Área das Engenharias e Computação: Darci Alberto Gatto | Representantes da Área das Ciências da Saúde: Claiton Leoneti Lencina (titular) e Giovanni Felipe Ernst Frizzo (suplente) | Representante da Área das Ciências Sociais Aplicadas: Célia Helena Castro Gonsales | Representante da Área das Ciências Humanas: Charles Pereira Pennaforte e Guilherme Camargo Massau (suplente) | Representantes da Área das Linguagens e Artes: Josias Pereira da Silva (titular) e Maristani Polidori Zamperetti (suplente)

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira

Vice-Diretor: Prof. Dr. Sebastião Peres

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Prof. Dr. Aristuê Elisandro Machado Lopes

Técnico Administrativo:

Paulo Luiz Crizel Koschier

HISTÓRIA EM REVISTA – Publicação do Núcleo de Documentação Histórica

Comissão Editorial:

Prof. Dr. Aristuê Elisandro Machado Lopes

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Conselho Editorial:

Profª Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)

Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães (UFPel)

Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)

Profª. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFMS)

Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)

Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)

Profª. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)

Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos Aires).

Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

Editores: Magno Santos | Fernando Ripe

Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |

Fone/fax: (53)3227 8411

e-mail: editora@ufpel.edu.br

Impresso no Brasil

Edição: 2018/1

ISSN – 1516-2095

Dados de catalogação na fonte:

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em revista / publicação do Núcleo de Documentação Histórica. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas. v.24/1, (ago. 2018). – Pelotas: Editora da UFPel, 2018.

1v.

Annual

ISSN 1516-2095

1. História - Periódicos. I. Núcleo de Documentação Histórica. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

Indexada pela base de dados Worldcat

Online Computer Library Center

PEDE-SE PERMUTA
WE ASK FOR EXCHANGE

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154

Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Caixa Postal 354

Fone: (53) 3284 3208

<http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>

[e-mail: ndh.ufpel@gmail.com](mailto:ndh.ufpel@gmail.com)

*** Obra editada e publicada em agosto de 2018**

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO: HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E DO ENSINO DE HISTÓRIA: TEMAS, FONTES E PROBLEMATIZAÇÕES

HISTORY OF EDUCATION AND HISTORY TEACHING: THEMES, SOURCES AND PROBLEMATIZATIONS **06**

Magno Santos | Fernando Ripe

A ESCRITA E O ENSINO DE HISTÓRIA NO SÉCULO XIX E A REPRESENTAÇÃO DOS INDÍGENAS NAS LIÇÕES DE JOAQUIM MANUEL DE MACEDO

THE WRITING AND TEACHING OF HISTORY IN THE NINETEENTH CENTURY AND THE REPRESENTATION OF INDIGENOUS IN LESSONS OF JOAQUIM MANUEL DE MACEDO **10**

Martha Victor Vieira

AS REPRESENTAÇÕES DO ASILO DE ÓRFÃS SÃO BENEDITO NA IMPRENSA LOCAL PELOTENSE DURANTE A PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

THE REPRESENTATIONS OF THE ASILO DE ÓRFÃS SÃO BENEDITO IN THE LOCAL PRESS PELOTENSE DURING THE FIRST HAL OF THE XX TH CENTURY **33**

Jeane dos Santos Caldeira | Jezuína Kobls Schwanz

IMAGENS DAS OFICINAS PROFISSIONALIZANTES SALESIANAS NA CIDADE DO RIO GRANDE/RS (1910-1960).

IMAGES OF SALESIAN PROFESSIONAL WORKSHOPS IN THE CITY OF RIO GRANDE / RS (1910-1960). **51**

Hardalla Santos do Valle

A EDUCAÇÃO FEMININA ENTRE A NORMALIZAÇÃO E A RESISTÊNCIA: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS DA REVISTA CARETA (1914-1918)

THE FEMALE EDUCATION BETWEEN NORMALIZATION AND RESISTANCE: AN ANALYSIS OF THE SPEECHES OF CARETA MAGAZINE (1914-1918) 72

Fernanda C. Costa Frazão

DA MATERIALIDADE AO CONTEÚDO: ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO DO MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO

FROM MATERIALITY TO CONTENT: ANALYSIS OF THE DIDACTIC MATERIAL OF THE BRAZILLIAN LITERACY MOVEMENT 102

Leide Rodrigues dos Santos

“EDUCAR É CONSTRUIR PARA O INFINITO”: ANÁLISE DOS DISCURSOS TRANSFORMADORES RELATIVOS À REFORMA DE 1971 NOS EDITORIAIS DA REVISTA DO ENSINO DO RIO GRANDE DO SUL (1972-1974)

"EDUCATION IS BUILDING FOR THE INFINITE": ANALYSIS OF THE TRANSFORMING SPEECHES RELATED TO THE REFORM OF 1971 IN THE EDITORIALS OF THE REVISTA DO ENSINO DO RIO GRANDE DO SUL (1972-1974) 121

Simôni Costa Monteiro Gervasio | Alessandro Carvalho Bica

O ENSINO DE HISTÓRIA E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: OS DESAFIOS DOS PROFESSORES NO ENSINO FUNDAMENTAL

THE TEACHING OF HISTORY AND EDUCATIONAL PRACTICE: THE CHALLENGES OF TEACHERS IN ELEMENTARY SCHOOL 145

Helena Gouveia da Silva Oliveira | Irlanda do Socorro de Oliveira Mileo | Renato Pinheiro da Costa

**NAS VOLTAS QUE A FORMAÇÃO EM HISTÓRIA DÁ: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA SOBRE O ESTAR COORDENADOR PEDAGÓGICO NA
REDE BÁSICA DE ENSINO**

THE TURNS THAT THE GRADUATION IN HISTORY GIVES: A REPORT OF
EXPERIENCE ON THE STUDENT PEDAGOGICAL COORDINATOR IN THE
BASIC NETWORK OF TEACHING

Felipe Nóbrega Ferreira

170

IMAGENS DAS OFICINAS PROFISSIONALIZANTES SALESIANAS NA CIDADE DO RIO GRANDE/RS (1910-1960).

IMAGES OF SALESIAN PROFESSIONAL WORKSHOPS IN THE CITY OF RIO
GRANDE / RS (1910-1960).

Hardalla Santos do Valle¹

Resumo: O Liceu Salesiano de Artes e Ofícios Leão XIII foi uma das primeiras instituições na cidade do Rio Grande/RS que ofereceu, ao mesmo tempo, aulas de ensino primário, ensino secundário e oficinas profissionalizantes. Todavia, encontram-se poucas informações sobre o passado desta instituição e, principalmente, sobre o ensino profissionalizante que lá era ministrado. Em vista disso, o presente trabalho tem como objetivo investigar as oficinas salesianas rio-grandinas, que ocorreram nas décadas de 1910 e 1960, utilizando como principal subsídio a documentação fotográfica. Para a construção deste panorama, optou-se pelo embasamento teórico-metodológico da História Cultural, bem como pelas concepções da pesquisa bibliográfica e da análise documental. A atualidade e relevância desta abordagem reside na reflexão sobre o uso da fotografia na busca de informações sobre a temática abordada

Palavras-chave: Ensino profissionalizante salesiano, Cidade do Rio Grande, Fotografias.

Introdução

A Congregação Salesiana está presente há mais de um século na região Sul do Brasil e sua importância no desenvolvimento não só do setor educacional, mas também cultural e social é reconhecida por diferentes segmentos que compõem a sociedade.

Nesse cerne, o ensino profissionalizante pode ser considerado uma das práticas basilares do sistema salesiano. Isso porque, na matriz que o orienta está a ação voltada à educação profissional realizada pelo padre católico João Bosco (1815-1888), mais conhecido como Dom Bosco, como uma das principais expressões pedagógicas da Ordem.

Cumprе mencionar que João Bosco iniciou sua obra reunindo

¹ Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas. Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas. Graduada em História licenciatura pela universidade Federal do Rio Grande. Graduada em História bacharelado pela Universidade Federal do Rio Grande. Graduada em Pedagogia pela Universidade Internacional. Membro do Centro de Estudos e Investigação em História da Educação da Universidade Federal de Pelotas (CEIHE-UFPEL). E-mail: hardalladovalle@gmail.com

meninos desvalidos para os oratórios festivos.² O primeiro oratório, foi fundado em 1841. Como muitos meninos eram analfabetos, foram instaladas aulas noturnas de primeiras letras nestes espaços, nas quais, o catecismo era amplamente ensinado (SANTOS, 2000). Além disso, devido ao fato de que muitas crianças que participavam destas aulas não pertenciam a um núcleo familiar definido pelos padrões da época, foi criado um local para abrigá-las. Não tardou para esses meninos tornarem-se aprendizes de ofícios, passando o dia nas fábricas e nos canteiros de obras.

Segundo Azzi (1982), João Bosco considerava que o tempo que os meninos ocupavam desnecessariamente nos canteiros poderia levar ao ócio e aos vícios. Como forma de tornar estes sujeitos produtivos, Dom Bosco resolveu instalar oficinas de aprendizagem no local onde os alunos eram abrigados. Surgiram assim, as oficinas de sapataria, alfaiataria, encadernação, marcenaria, impressão, tipografia e serralheria, ministradas na lógica do sistema preventivo.³

Conscientes do projeto pedagógico de Dom Bosco e coerentes com o próprio modelo de formação recebida, os primeiros padres salesianos que chegaram à cidade de Rio Grande – no sul do Estado do Rio Grande do Sul, por volta do final do século XIX – preocuparam-se com o ensino para o trabalho. Inicialmente, eles ministraram pequenas atividades relacionadas ao ensino de ofícios para meninos. Contudo, foi apenas em 1902, com a fundação do Liceu Salesiano de Artes e Ofícios Leão XIII, que este ensino profissionalizante foi legitimado de forma curricular (CATARINA, 2000).

O estudo nas oficinas era destinado aos meninos de grupos sociais menos favorecidos que estivessem cursando o quarto ano ou finalizado o primário, havendo preferência aos oriundos do Liceu Salesiano de Artes e Ofícios Leão XIII.

Segundo alguns relatórios da Inspeção Salesiana de Porto Alegre,⁴

² De acordo com Santos (2000), os oratórios festivos podem ser definidos como aulas de catecismo misturadas a jogos e brincadeiras, de âmbito esportivo e educativo.

³ No sistema preventivo de Dom Bosco, o educador deveria ser um guia do educando, que aconselha e corrige com bondade, prevenindo más escolhas de ordem moral e social. Por isso seu sistema tem como um de seus pilares, o componente *amorevolezza* – carinho. Em oposição, o sistema repressivo prezava pelo conhecimento das regras, bem como pela vigia e punição dos eventuais transgressores (SCARAMUSSA, 1984).

⁴ A Inspeção Salesiana de Porto Alegre é o espaço, onde está situado o centro de documentação da ordem Salesiana do Rio Grande do Sul. Situada na capital gaúcha, é responsável pela comunicação entre as paróquias, pela salvaguarda da documentação

no começo cobravam-se pelas aulas cerca de 2 a 5.000 réis por mês. Com o passar do tempo, como o diretor da escola optou por tornar as oficinas gratuitas, os alunos e ex-alunos faziam doações à Igreja, como contrapartida, à medida em que se inseriam no mercado de trabalho. Durante a realização das oficinas, os padres direcionavam o trabalho dos alunos, como auxiliares nas fábricas e nas construções de casas e móveis, na própria região. Os móveis feitos pelos alunos, por vezes, eram apresentados em exposições públicas para a divulgação e venda do trabalho realizado. Ocasião em que, parte do dinheiro obtido, com as vendas, era destinado à própria Igreja.

As oficinas salesianas rio-grandinas foram oferecidas até a década de 1960. Momento em que, algumas indústrias da cidade fecharam e a demanda por mão-de-obra diminuiu. Nesta década, muitas oficinas profissionalizantes salesianas do Brasil também encerraram suas atividades, devido ao cenário político nacional e as exigências das leis que se referiam à educação para o trabalho (MARTINS, 2006).

Com base nestas reflexões, se construiu uma pesquisa de doutoramento, no campo da História da Educação, sobre o tema das oficinas profissionalizantes salesianas de Rio Grande, entre as décadas de 1910 e 1960. Alicerçada, preponderantemente, no diálogo entre fontes⁵ diversas (relatórios, jornais e fotografias). Sendo o maior acervo documental desta pesquisa, a fotografia.

A aproximação com esta tipologia documental tornou-se indispensável quando catalogou-se um banco de dados com 275 fotografias. O vasto número de fontes iconográficas disponíveis impulsionou o estudo e a compreensão das especificidades que envolvem esta análise.

Logo, as questões que estão postas neste artigo pretendem responder: Como a análise de fotografias contribui para o estudo sobre as

salesiana do estado (entre esta documentação há uma vasta gama de fotografias, relatórios, diários e cartas) e pela execução de possíveis medidas designadas pela Ordem. Alguns documentos, quando selecionados pelos responsáveis dos arquivos, são destinados à Inspetoria Salesiana de Belo Horizonte (MG), que possui o centro de documentação brasileiro da Ordem.

⁵ Utiliza-se a expressão “fonte”, neste texto, como documento. Esse uso é ancorado em: RAGAZZINI, Dario. Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação? **Revista Educar**, Curitiba, Editora da UFPR n.18, p.13-28. 2001, Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/educar/article/view/32815/20799>

oficinas profissionalizantes salesianas de Rio Grande? Como funcionavam essas oficinas? Quais eram os objetivos deste tipo de ensino ministrado?

Como alicerce teórico-metodológico se subsidia da História Cultural (BURKE, 2008), na medida que se olha para as tradições e interpretações culturais presentes na experiência histórica e humana. Também, se valerá das metodologias da pesquisa bibliográfica (PIZZANI, 2012) e da análise documental (SAMARA e TUPY, 2010).

Nas linhas que seguem, discorrer-se-á sobre as oficinas profissionalizantes salesianas, sendo o intuito partilhar reflexões que contribuem aos estudos sobre educação católica, ensino profissionalizante e ensino na cidade do Rio Grande. Logo após, serão discutidos alguns aspectos sobre o documento fotográfico e a sua utilização na pesquisa.

As oficinas profissionalizantes salesianas

No Brasil, a presença salesiana iniciou em 1877, quando o bispo do Rio de Janeiro, Pedro Maria de Lacerda (1830-1890), encontrou João Bosco em Roma e pediu-lhe que enviasse padres para sua diocese. Depois de visitar o oratório de Valdoco, na Espanha, renovou o pedido com maior ênfase. Em 1882, o padre Luís Lasagna (1850-1895), salesiano de Montevidéu, encontrou-se com o imperador brasileiro Dom Pedro II (1825-1891) em Petrópolis, como emissário de Dom Bosco. Pedro II endossou o pedido do bispo prometendo facilidades (AZZI, 1976).

No ano seguinte, chegaram ao Brasil os primeiros salesianos, vindos do Uruguai, subsidiados financeiramente pelo governo brasileiro. Foram para Niterói, na Província do Rio de Janeiro, onde o bispo Lacerda tinha reservado uma chácara para eles. Fundaram aí o Liceu de Artes e Ofícios Santa Rosa, com subsídios da diocese e de benfeitores pertencentes à nobreza, ao comércio e a alta burocracia do Império. Foram logo instaladas oficinas para aprendizagem dos ofícios de mecânica, marcenaria, alfaiataria, sapataria e tipografia (CUNHA, 2005, p. 53)

Segundo Cunha (2005), ao fim do século XIX, os salesianos haviam inaugurado escolas em São Paulo (SP), Lorena (SP), Campinas (SP), Cuiabá (MT), Recife (PE), Salvador (BA), e Rio Grande (RS). As duas primeiras cidades brasileiras que receberam oficinas profissionalizantes salesianas foram São Paulo (Liceu Coração de Jesus), em 1886, e Rio de Janeiro (Colégio Santa Rosa), em 1883. A escolha das cidades, de acordo com Catarina (2000), se deu através de um acerto do poder público com os salesianos.

Na cidade do Rio Grande, o intuito declarado destas oficinas profissionalizantes era promover para os meninos desvalidos uma vida com melhores condições financeiras, alicerçada em preceitos católicos que constituíam um bom cristão e um bom cidadão. Condições essas, que seriam adquiridas pelo esforço e disciplinamento relativos ao mundo do trabalho. Estavam entre as profissões ensinadas: a marcenaria, mecânica, carpintaria civil, tipografia, encadernação e a alfaiataria.

Figura 1: aprendizes do curso de marcenaria em 1927.



Fonte: acervo da Inspetoria Salesiana de Porto Alegre.

Na imagem das oficinas de 1927, pode-se analisar que as aulas eram ministradas em um espaço rudimentar. Não havia muita organização. As mesas eram colocadas de forma próxima, os objetos já concluídos eram dispostos juntamente com aqueles em processo de feitura. Em algumas mesas trabalhavam dois alunos, em outras, um aluno. Mesmo com um chão coberto por serragem, alguns meninos participavam das aulas descalços. Por óbvio, muitos alunos não possuíam condições de comprar calçados. Contudo, o fato destes meninos, com idade entre oito e quinze anos, não possuírem nenhum tipo de proteção para o desenvolvimento do trabalho induz-nos a cogitar que diversos acidentes possam ter ocorrido durante as oficinas.

Esse cenário de meninos trabalhadores, segundo Ciavatta (2012) é facilmente encontrado em fotografias. Em sua concepção, estas fotos evidenciam as diversas temporalidades do período: o desenvolvimento industrial que ainda convivía com técnicas produtivas artesanais, a convicção do progresso e da modernização que legitimava a transformava a cidade e as novas relações de trabalho que conviviam com a pobreza da população trabalhadora.

A fotografia que segue, mostra uma aula da disciplina de construção de obras.

Esse processo de aprendizagem ocorreu no final da década de 1930, momento em que as obras no novo prédio da instituição estavam no ápice.

Figura 2: disciplina de construção de obras. Final da década de 1930.



Fonte: acervo da Inspeção Salesiana de Porto Alegre

De imediato, analisa-se que a prática do ensino profissionalizante salesiano era, em alguns momentos, conveniente à instituição que a exercia. Do mesmo modo que, em 1900, os primeiros salesianos ensinaram o trabalho através da obra do primeiro prédio, os novos padres faziam o mesmo no final da década de 1930, com o segundo prédio. Talvez, porque acreditavam que os alunos teriam que praticar em algum lugar. Então, porque não na obra da escola?

Mas, também há chances de a construção civil ser uma matéria, estipulada no plano pedagógico, de acordo com as demandas estruturais da instituição.

Figura 3: oficina de mecânica, década de 1940.



Fonte: arquivo da Inspeção Salesiana de Porto Alegre.

Na década de 1940, observa-se algumas mudanças nas oficinas profissionalizantes salesianas de Rio Grande. Estas funcionavam agora no novo prédio da instituição. Nesta foto, a sala está disposta de forma organizada, as bancadas têm a altura da cintura dos meninos, os alunos usam avental e trabalhavam um por mesa. Enquanto uns utilizavam as máquinas existentes, os outros esperavam sua vez. Sendo este registro “montado”, intencionalmente disposto, ou não, nota-se que o ensino do trabalho assumiu uma nova aparência.

Silveira (2014), enfatiza que a década de 1930 foi providencial no que diz respeito às leis para educação profissionalizante, bem como foi uma época em que o governo começou a centrar mais atenção em suas escolas técnicas federais. Logo, em tempos de novas exigências, cabia adequar-se, modernizar-se, ou, então encerrar as atividades. Ressalto que na década de 1940, o Liceu Salesiano ainda recebia verbas públicas, porém menores, pelo ensino nas oficinas.

Nesta mesma década, um ano após a criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) no Brasil, ocorreu uma reunião na escola Liceu Salesiano Leão XIII para acertar os detalhes de uma parceria entre as duas instituições.

No jornal Rio Grande, anunciava-se os objetivos do SENAI:

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL

Visitaram a redação do Rio Grande, ontem os srs. João Fermiano da Silva e Afonso H. Somnitz, funcionários do Departamento de Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, instituído recentemente por decreto do sr. Presidente da República. O Serviço Nacional de Aprendizagem anuncia os seguintes objetivos: a) organizar e manter, em todo o país, ensino de ofício cuja execução exija formação profissional, para aprendizes empregados nos estabelecimentos industriais; b) proceder a seleção profissional dos candidatos e aprendizes industriais; c) organizar e manter cursos extraordinários para empregados na indústria; d) assegurar bolsas de estudos a operários, diplomados ou habilitados e de excepcional valor, para aperfeiçoamento ou especialização profissional; e) contribuir para o desenvolvimento de pesquisas tecnológicas de interesse para a indústria; f) manter um serviço especial de engajamento, facilitando o fornecimento de “mão-de-obra” para a indústria; g) cooperar na organização dos Cursos de Ensino Industrial de Emergência; h) organizar e administrar escolas de aprendizagem, não somente para trabalhadores industriais, mas também para trabalhadores de transporte, comunicações e pesca; i) ministrar o ensino de continuação, de aperfeiçoamento e especialização; j) estabelecer, na forma legal, contato com indústrias no sentido de organizar escolas de aprendizes nas zonas de maior concentração industrial, ficando os estabelecimentos industriais obrigados a empregar e matricular nos cursos do SENAI um número de aprendizes equivalentes a 5%, no mínimo, dos operários existentes em cada estabelecimento, e cujos ofícios demandam formação profissional, tudo de acordo com o que dispõe o Decreto-Lei 4.481 de 16 de julho deste ano (JORNAL RIO GRANDE, 21 de dezembro de 1942).

O Decreto 4.481 de 16 de julho de 1942,⁶ ao qual o jornal se refere, estabelecia no art. 1º que os estabelecimentos industriais de qualquer natureza eram obrigados a empregar, e matricular nos cursos mantidos pelo Serviço Nacional de Aprendizagem dos Industriários (SENAI) um número de aprendizes equivalente a 5%, no mínimo, dos operários existentes em cada estabelecimento, e cujos ofícios demandem formação profissional; e ainda um número de trabalhadores menores que seria fixado pelo Conselho Nacional do SENAI, e que não excederia a três por cento do total de empregados de todas

⁶ Decreto disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/De14481.htm

as categorias em serviço em cada estabelecimento.

A partir da pesquisa com documentos, encontrou-se no arquivo da Inspeção Salesiana de Porto Alegre, como registro desta reunião, apenas a foto abaixo e uma pequena anotação, em um relatório, que afirmava a existência de negócios com o SENAI.

Figura 4: reunião dos padres salesianos de Rio Grande com representantes do SENAI. Dezembro de 1942.



Fonte: arquivo da Inspeção Salesiana de Porto Alegre.

Na imagem, não se vê o diálogo enunciado nos documentos, mas uma exposição de ideias para um público formado, preponderantemente, por padres. Essa mensagem visual, é facilmente compreendida quando Cunha (2005) assinala que a parceria entre SENAI e os salesianos, foi acordada em nível nacional.

Na opinião do autor, as oficinas salesianas não acompanharam as inovações do mercado de trabalho e, por isso, se limitaram em sua articulação

com as indústrias.

A “deformação” da obra salesiana no Brasil, em relação aos objetivos iniciais do fundador e ao realizado em outros países, revela um aspecto relevante da formação de nosso aparelho escolar. Os liceus de artes e ofícios salesianos prometeram um desempenho muito acima dos seus homólogos que sobreviveram ao período imperial, pela intensidade e pela sistematização da aprendizagem profissional, e pelo mecanismo mais regular de captação de recursos[.]. No entanto, por essa época, a burguesia já havia definido o ensino secundário como integrante da educação corrente de seus jovens, perspectiva visada, também, pelos setores de renda mais elevada das ainda acanhadas camadas médias. O resultado foi, assim, a adaptação da obra salesiana às condições sociais e econômicas do Brasil, abandonando-se progressivamente a direção traçada na Itália. Assim, em vez da formação do proletariado visando impedir a influência do anarquismo, do socialismo e do comunismo nessa classe, prevaleceu a formação intelectual e moral das próprias classes dirigentes (CUNHA, 2005, p.59).

Nesta linha, pode-se pressupor que a parceria com o SENAI foi uma tentativa dos salesianos de modernizar-se em seus métodos e ingressar no mercado. Todavia, Cunha (2005) aponta que essa experiência não deu certo devido às contradições de princípios educativos entre os docentes salesianos e os empreendedores do SENAI. O último, queria maior influência socializadora das fábricas, ao passo que os salesianos fechavam-se no âmbito da escola.

Acrescenta-se que a modernização do ensino pode ter funcionado como um elemento propulsor desta parceria, mas não é o único. É preciso observar que o foco de investimentos no ensino profissionalizante privado, naquele momento, era o SENAI. Assim sendo, os salesianos também buscaram nesta parceria meios de sustentar o funcionamento das suas oficinas, uma vez que, o apoio financeiro de origem pública era, cada vez mais, escasso à profissionalização realizada pelas ordens católicas.

Ao direcionar esse panorama para Rio Grande, a partir do trabalho de análise documental, pode-se afirmar que o ensino profissionalizante salesiano manteve-se associado ao SENAI até a década de 1950.

No ano de 1943, encontra-se no jornal Rio Grande propagandas que evidenciam a parceria entre o Liceu Salesiano de Artes e Ofícios Leão XIII e o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). Na imagem a seguir, lê-se que os cursos oferecidos por essas instituições eram gratuitos. Outro ponto que deve ser assinalado, é que o contato para informações sobre os cursos era a

própria secretária do Liceu. O que, de alguma forma, corrobora a afirmativa de Cunha (2005), que alguns cursos do SENAI, nos seus primórdios, funcionaram em escolas da ordem salesiana.

Figura 5: propaganda dos cursos profissionalizantes do SENAI em parceria com o Liceu Salesiano de Artes e Ofícios «Leão XIII».



Fonte: Jornal Rio Grande, de 04 de setembro de 1943. Acervo da biblioteca rio-grandense.

Na década de 1960, no Brasil, os cursos profissionalizantes ministrados pelos salesianos vão, paulatinamente, sendo encerrados. Martins (2006) relata, acerca do contexto econômico, que a cidade do Rio Grande – na época produtora de bens não-duráveis – desde o final do século XIX se viu prejudicada por fatores como a precariedade do transporte de cabotagem, a dificuldade de renovação do parque produtivo e a concorrência desvantajosa frente às novas indústrias que se consolidavam no sudeste. Com efeito, muitas empresas acabaram fechando suas portas durante a década de 1960. Essa conjuntura ocasionou menor necessidade de mão-de-obra. Soma-se a isso, o fato que os poucos alunos que poderiam interessar-se pelas aulas profissionalizantes tinham agora a opção de efetivar seu aprendizado no SENAI.

Aspectos acerca da pesquisa com fotografias

Trabalhar com fotografias é dialogar com documentos complexos, que concedem indícios por meio dos itens mais singelos, como gestos, objetos e cores. Nesse sentido, entre as múltiplas possibilidades suscitadas por essa

fonte, podemos citar a compreensão de espaços urbanos, de espaços institucionais, de tradições culturais, de uma organização disciplinar, entre outras.

A análise do documento fotográfico se dá por meio de um “exercício do olhar”, que só existe quando o pesquisador está embasado teoricamente sobre esta tipologia documental e o contexto da materialidade. Este “exercício do olhar” é o que possibilita a efetivação de uma boa interpretação do conjunto simbólico expresso na imagem (ABDALLA, 2013).

Mauad e Lopes (2014, p.1) corroboram com esta ideia, quando advertem que as imagens são ricas e, por vezes, podem parecer comunicar mais do que se quer mostrar. Os autores sublinham que não é difícil encontrar no vocabulário sobre imagens a concepção de que é preciso adestrá-las, apará-las ou despi-las de supostos excessos, principalmente quando se quer uma imagem objetiva e útil ao conhecimento científico.

Vale ressaltar que a imagem expressa no documento fotográfico é composta por uma multiplicidade de significados e também possui sua própria trajetória, que muito pode ter a declarar sobre o foco de análise. Como afirma Burke (2004), Borges (2011) e Mauad (2013), “é preciso estar atento aos pequenos detalhes”.

Kossoy (2012) realça que, quando se faz pesquisa com fotografias, a construção de um banco de dados é recomendada por duas razões: primeiro por propiciar, durante o processo de análise, o rápido encontro das fontes coletadas e, segundo, por facilitar a disseminação das informações através de uma lógica organizada.

Neste caso, as fotografias estudadas fazem parte de um imenso acervo da Inspeção Salesiana de Porto Alegre. O acesso a estes arquivos se deu de maneira muito receptiva por seus responsáveis que, por vezes, ajudaram a reproduzir estas imagens para a realização mais apropriada da avaliação e catalogação dos dados.

A organização destas fotografias se deu por temática central, dispostas em quatro eixos: práticas escolares (aulas), práticas escolares (religiosas), prédio escolar, oficinas profissionalizantes.

Tabela 1: fotografias pesquisas no acervo da Inspeção Salesiana.

Tema central	Número de fotografias
1.Práticas escolares (aulas)	41
2.Práticas escolares (religiosas)	97
3.Prédio da escola	70
4.Oficinas profissionalizantes	67

Fonte: tabela construída pela autora

Guardadas em pastas e caixas de arquivo, a maioria das fotografias está em ótimo estado de conservação. A datação é um ponto que merece destaque. Todas as fotos do arquivo da Inspeção estão catalogadas indicando a cidade a qual se referem e o ano (ou década) do seu registro. Dentre aquelas que selecionei, relacionadas à cidade do Rio Grande, a datação varia de 1912 a 1960. Algumas possuem no verso a anotação do ano, local e fotografados.

No decorrer da pesquisa, as fotografias associadas aos relatórios e jornais, possibilitaram a obtenção de dados relativos aos professores, prédios da instituição estudada, práticas escolares, questões disciplinares, número de alunos por turma, tipo de máquinas que eram utilizadas nas oficinas, uniformes dos alunos, organização das exposições, visualização de algumas ruas da cidade, práticas religiosas que eram realizadas dentro da escola, entre outros elementos e materialidades da cultura escolar e local.

Desse modo, pode-se afirmar que a fotografia é uma extensão fragmentada do contexto em que é produzida e que, quando associada a outras fontes, pode ser um precioso meio de obtenção de informações e sentidos.

Ainda no que se refere a utilização da fotografia em pesquisas de história da educação, em certo sentido, se pode afirmar ainda que:

[...] tais registros são objetos culturais que guardam fortes vínculos entre a memória dos personagens da escola e a memória da própria instituição, visto que enquanto documentos, essas fotografias se consistem em testemunho e representação da escola em determinada época, pois revelam a um só tempo o modo de ser, mas também o de se conceber a escola; além de revelar formas determinadas de os sujeitos se comportarem e representarem seus papéis – professor, aluno, classe etc. (BENCOSTTA, 2011, p.400).

Essa teia de significados sobre a cultura escolar, que pode estar

expressa nas fotografias, constitui um aporte documental com relação a diversos objetos que podem compor os estudos históricos educacionais. Na pesquisa que neste texto é descrita, as fotografias construíram um suporte para o estudo dos avanços ocorridos em uma experiência de educação profissionalizante.

Portanto, a utilização da fotografia como documento constituiu um desafio, pois sua leitura não é uma tarefa simples. O cotidiano de análise mostrou que a complexidade das imagens torna-se mais acessível à medida que o pesquisador amplia e exercita seu olhar. Considera-se que o trabalho com fotografias é um ato de disciplina e cuidado, pois os mais singelos detalhes podem revelar pistas, assim como o que está implícito em meio a gestos, cores e objetos.

Soma-se ainda, o fato de que o uso da fotografia em pesquisas históricas de imagens de outras épocas, devidamente identificadas e analisadas objetivamente e sistematicamente, a partir de metodologias adequadas, constitui uma tipologia de fonte insubstituível para a reconstituição histórica dos cenários, das memórias de vida (individuais e coletivas) e de fatos do passado. Como enfatiza Kossoy (1998), o estudo da imagem contribui para o entendimento de múltiplos pontos de vista que os homens constroem a respeito de si mesmos e dos outros, de seus comportamentos, seus pensamentos, seus sentimentos e de suas emoções em diferentes tempos e espaços.

Burke (2004, p. 25) ressalta que inicialmente a fotografia era posta como um elemento que viria a auxiliar a história, como uma “forma possível de retratar nossas terras, prédios e maneiras de viver”. Essa cultura do instantâneo, inicialmente visava à representação do real para posteridade. Todavia, com as mudanças dos critérios de veracidade histórica, passou-se a questionar os elementos explícitos e implícitos que constituem essa forma de registro do cotidiano.

Entre as possibilidades oriundas da fotografia, pode-se citar a compreensão de espaços urbanos e institucionais, de uma determinada sociedade, de tradições culturais, de uma organização disciplinar, entre outros aspectos. Porém, o alcance desta compreensão não se dá por um processo simples. A análise deste documento realiza-se por meio de um “exercício do olhar”, que só existe quando o pesquisador está embasado teoricamente sobre esta tipologia de fonte e o contexto desta materialidade. Este “exercício do olhar” é o que possibilita a efetivação de uma boa interpretação do conjunto simbólico expresso na imagem.

Mauad e Lopes (2014, p.1) corroboram com esta ideia, quando indicam que as imagens são ricas e, por vezes, podem parecer comunicar mais

do que se quer mostrar. Afirmam que não é difícil encontrar no vocabulário sobre imagens a concepção de que é preciso adestrá-las, apará-las ou despi-las de supostos excessos, principalmente quando se quer uma imagem objetiva e útil ao conhecimento científico: “é como se elas tivessem uma vida própria que deveríamos compreender para, por que não, escová-las a contrapelo”.

Sobre a natureza da imagem, Borges (2011) reforça que:

Hoje não mais se duvida da natureza polissêmica da imagem, da variabilidade de sentidos de suas formas de produção emissão e recepção. Sabe-se que uma imagem visual é uma forma simbólica cujo significado não existe *per se*, quer dizer, “lá dentro”, como coisa dada que preexiste ao olhar, à intenção de quem produz. Vista sob essa ótica, ela deixa de ser espelho ou duplicação do real, como queriam os historiadores da historiografia metódica. Apresenta-se como uma linguagem que não é nem verdadeira, nem falsa. Seus discursos sinalizam lógicas diferenciadas de organização do pensamento, de ordenação dos espaços sociais e de mediação dos tempos culturais. Constituem modos específicos de articular tradição e modernidade. Por tudo isso, sabe-se que uma dada imagem é uma representação do mundo que varia de acordo com os códigos culturais de quem a produz. (BORGES, 2011, p.80)

Logo, o pesquisador que procura realizar uma boa análise da fotografia, nunca pode considerá-la um elemento, que por si só representaria o real. Sontag (2006) endossa esta ideia, quando assinala que as fotografias não se limitam a ilustrar elementos comuns (pessoas, coisas, acontecimentos, tudo o que vemos, inadvertidamente, com a visão natural) e ao acréscimo de uma grande quantidade de aspectos que nunca vemos em sua plenitude. A fotografia redefine a realidade, como um artigo de exposição, enquanto dados para o estudo e monitoramento objetivo. A exposição e a duplicação fotográfica do mundo, de acordo com a autora, fragmentam as continuidades e acumulam rupturas em um arquivo infinito, portanto, oferecendo possibilidades que eram inimagináveis com sistemas anteriores de registros.

Sobre esse aspecto, Flusser (2002) lembra que:

[.] a imagem fotográfica é insistentemente reconhecida como representação do real, não o real em si, tendo em vista a adequação de quatro para duas dimensões, de um mundo esférico e amplo para um formato retangular. Na imagem, o mundo ganha bordas, limites impostos pela tecnologia da reprodução fotográfica. Logo, fotografia é reprodução e representação. Reprodução, pois a fotografia capta uma cena que é reproduzida; representação, porque tal cena é uma escolha e, dessa forma, relaciona-se a uma série de escolhas que levam ao seu resultado final. (FLUSSER, 2002, p.11)

Nessa lógica, a imagem expressa no documento fotográfico é composta por uma multiplicidade de significados e também possui sua própria trajetória, que muito pode ter a declarar sobre o foco de análise. Toda fotografia parte da visão e da intencionalidade do sujeito que realiza o ato de fotografar. Como reforça Oliveira (2012, p.38), “fotografias nascem de necessidades e de interesses. A sua produção está condicionada a seleções e escolhas. São grupos sociais ou pessoas determinadas que as requerem”.

Assim sendo, é preciso destacar que o olhar destes sujeitos pode ser motivado por intenções distintas daquelas que compõem a pesquisa do historiador. Nesta direção, questionamentos como: Por quê? Para quem? Com que intuito? tornam-se indispensáveis para entender se a fotografia foi realizada com a intenção de legitimar uma postura individual, social, ou se é um registro do cotidiano sem pretensões objetivas.

Para o alcance destas informações, é preciso que este documento seja contextualizado. Burke (2004) destaca que nem sempre contextualizar a fotografia é fácil, pois a identidade dos fotografados e dos fotógrafos pode ser desconhecida. Além disso, é comum que fotografias que compunham álbuns ou séries sejam encontradas de forma isolada, o que dificulta a análise. Nestes casos, o esforço por um domínio desta fonte torna-se indispensável, pois a atenção ao formato da foto, o papel, a textura e aos dados expressos na imagem, pode captar uma mensagem, pistas, para uma maior compreensão dos dados contidos na fonte.

O entrecruzamento da fotografia com outros documentos, como por exemplo, documentos escritos, jornais e entrevistas, também é um ato que auxilia tanto no entendimento dos detalhes registrados na foto, como na visão do cenário pesquisado.

Desse modo, podemos afirmar que a fotografia é uma extensão fragmentada do contexto em que é produzida e que, quando associada a outras fontes, pode ser um precioso meio de obtenção de informações.

Sobre a utilização da fotografia em pesquisas de história da educação, em certo sentido, pode-se afirmar ainda que:

[..] tais registros são objetos culturais que guardam fortes vínculos entre a memória dos personagens da escola e a memória da própria instituição, visto que enquanto documentos, essas fotografias se consistem em testemunho e representação da escola em determinada época, pois revelam a um só tempo o modo de ser, mas também o de se conceber a escola; além de revelar formas determinadas de os sujeitos se comportarem e representarem seus papéis – professor, aluno,

classe etc. (BENCOSTTA, 2011, p.400).

Na pesquisa sobre as oficinas profissionalizantes salesianas que foi realizada, as fotografias construíram um suporte para o estudo dos aspectos que abrangem experiências de ensino de ofícios. Com um foco semelhante em seu artigo “A cultura material escolar em trabalho e educação. A memória fotográfica de sua transformação”, Ciavatta (2009) aponta que:

[...] mais do que os documentos escritos, a memória preservada nas fotografias expressa a mudança profunda na materialidade escolar, que acompanha, em cada época, a transformação dos processos produtivos impulsionados pelos objetivos de política educacional, pelo desenvolvimento científico-tecnológico e pela nova organização do trabalho (CIAVATTA, 2009, p. 40)

Assim, a fotografia auxilia na compreensão do fazer escolar ao longo dos tempos e dos distintos espaços. O registro da organização das classes, do cenário que se tinha nas escolas, da mudança na figura do professor, dos cuidados com a limpeza do espaço, entre outros aspectos, traduz por signos como a educação formal era efetivada e os motivos desta configuração.

No que tange ao ensino profissionalizante, tornou-se viável compreender como ocorria o ensino do trabalho àquela época, e como era aceito este aprendizado (pelo aumento no número de turmas, investimentos visíveis nas oficinas e etc.).

É possível afirmar que o documento iconográfico é uma pequena tela de complexas representações, que muito tem a dispor ao pesquisador da história da educação. Contudo, cuidados são necessários. Cabe ao pesquisador subsidiar-se teoricamente e exercitar sua análise, para conseguir descortinar todas as informações contidas nos singelos detalhes destas imagens.

Considerações finais

Por tudo que foi exposto, é possível afirmar que as possibilidades suscitadas pelas fotografias, para as pesquisas históricas educacionais, são inúmeras. Porém, os cuidados com este tipo de documento também devem ser muitos. O primeiro é sempre considerar a fotografia como um símbolo fragmentado do contexto estudado. A fotografia nunca fala por si. Para captar as informações presentes no documento iconográfico é preciso associá-lo a outras fontes, como documentos oficiais e jornais. Outra cautela que se deve ter é a investigação da trajetória da fotografia, pois todo registro iconográfico é composto por diversas intencionalidades e possui uma história própria (que

envolve tanto os sujeitos de sua concepção, como o lugar onde a foto está guardada).

Vale destacar que esse trabalho foi construído de forma que o pano de fundo teórico-metodológico e a pesquisa de doutoramento que foi exposta, estivessem amarrados. Essa organização textual teve como foco evidenciar um dos caminhos e escolhas presentes no percurso de uma pesquisa.

Apresentou-se aqui a concepção que foi adotada acerca da pesquisa com fotografias, assim como dados e análises sobre o Liceu Salesianos de Artes e Ofícios Leão XIII da cidade do Rio Grande.

Observou-se que as oficinas profissionalizantes salesianas para os meninos desvalidos rio-grandinos, funcionavam alicerçadas em preceitos católicos que visavam o ideal de um bom cristão e um bom cidadão. Condições essas, que seriam adquiridas pelo esforço e disciplinamento relativos ao mundo do trabalho. Entre os objetivos das oficinas, estava a formação de marceneiros, mecânicos, carpinteiros, tipógrafos e alfaiates.

Nesse sentido, a análise de fotografias contribuiu para o estudo sobre as oficinas profissionalizantes salesianas de Rio Grande a medida que possibilitaram a investigação de aspectos relacionados aos prédios da instituição estudada, práticas escolares, questões disciplinares, número de alunos por turma, tipo de máquinas que eram utilizadas nas oficinas profissionalizantes, uniformes dos alunos e organização das exposições.

Ressalta-se que para além da discussão destes aspectos, foi intenção evidenciar o modo como foi estruturada parte de uma pesquisa. Opção assumida por considerar que a apresentação e o diálogo sobre a operacionalização dos rumos de uma investigação se fazem agregadores ao amadurecimento das pesquisas e aos eventuais caminhos que outros olhares podem direcionar às suas análises.

Referências

ABDALA, Rachel. **Fotografias escolares: práticas do olhar e representações sociais nos álbuns fotográficos da Escola Caetano de Campos (1895-1966)**. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo, 2013. Disponível em:

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-04112013-113939/pt-br.php>

AZZI, Riolando. **A obra de Dom Bosco em Santa Catarina**. São Paulo: Ed. salesiana Dom Bosco, 1982.

_____. **Os Salesianos no Brasil**. São Paulo: Ed. Dom Bosco, 1983.

BENCOSTTA, Marcus. Memória e Cultura Escolar: a imagem fotográfica no estudo da escola primária de Curitiba. **Revista História** (São Paulo) v.30, n.1, p. 397-411, jan/jun 2011.

BORGES, Maria Eliza. **História & Fotografia**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2011.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

_____. **Testemunha ocular**. Bauru/SP: EDUSC, 2004.

CATARINA, Fausto Santa. **Liceu Salesiano Leão XIII: 100 anos (1901-2001)**, São Paulo: Escolas profissionais salesianas, 2000.

CIAVATTA, Maria. A Cultura Material Escolar em Trabalho e Educação. A memória fotográfica de sua transformação. **Educ. e Filos. Uberlândia**, v. 23, n. 46, p. 37-72, jul./dez. 2009.

CUNHA, Luiz Antônio. **O ensino de ofícios no primórdio da industrialização**. São Paulo: UNESP, 2005.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaio para uma futura filosofia da**

fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

ISAÚ, Pe. Manual. **O ensino profissional nos estabelecimentos de educação dos Salesianos**. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 1976.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. São Paulo: Ateliê editorial, 2012.

_____. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999. p.149

KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. In: SAMAIN, Etienne (org.) **O Fotográfico**. São Paulo: Hucitec/CNPq, 1998.

MAUAD, Ana Maria. Fotografia pública e cultura visual em perspectiva histórica. **Revista Brasileira de História da Mídia**. Porto Alegre/ São Paulo, v.2, nº 2, p.11-20, jul/dez de 2013.

_____. Olhos para ver e conhecer: fotografia e os sentidos da história. In: GAWRYSZEWSKI, Alberto. **Imagem em debate**. Londrina: Eduel, 2011.

MAUAD, Ana Maria e LOPES, Marcos. **Imagem, História e Ciência**. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum, Belém, v. 9, n. 2, p. 283-286, maio-ago. 2014. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v9n2/a02v9n2.pdf>

OLIVEIRA, Maria Augusta e TAMBARA, Elomar. A imagem fotográfica como fonte para a História da Educação. In: **Anais do III Congresso Brasileiro de História da Educação**, 2004.

OLIVEIRA, Maria Augusta. **Instituições e práticas escolares como representações de modernidade em Pelotas (1910-1930): imagens e imprensa**. Tese de doutorado do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE/FaE/UFPEL), 2012.

SAMARA, Eni e TUPY, Ismênia. **História & documento e metodologia de pesquisa**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2010.

SANTOS, Carlos Silva. **O Colégio Estadual Lemos Júnior: meio século (1906-1956)**. Redação e organização a cargo do secretário do instituto, 1956.

SANTOS, Manoel Isaú Souza Ponciano dos. **Luz e sombras: internatos no Brasil (As escolas sob regime de internato e o sistema salesiano de educação)**. São Paulo: Ed. Salesiana, 2000.

SCARAMUSA, Tarcísio. **Sistema preventivo de Dom Bosco:** um estilo de educação. São Paulo. Ed. Salesiana, 1984.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Fotografias escolares:** a leitura de imagens na história da escola primária. Educar em Revista. n.18, 2001. p. 75-101

SONTAG, Susan. **Sobre la fotografía.** México: Alfaguara, 2006.

Abstract: The Salesian School of Arts and Crafts Leo XIII was one of the first institutions in the city of Rio Grande/RS, which offered at the same time classes of primary education, secondary education and professional workshops. However, there is little information on the past of this institution and, above all, on the vocational training that was given. In view of this, the present work has as an objective to investigate the Salesian workshops of rio-grandinas, that occurred in the decades of 1910 and 1960, using as main subsidy the photographic documentation. For the construction of this panorama, we opted for the theoretical-methodological basis of Cultural History, as well as for the conceptions of bibliographical research and documentary analysis. The timeliness and relevance of this approach lies in the reflection on the use of photography in the search for information about the subject matter.

Keywords: Salesian vocational education, City of Rio Grande, Photos.
